

Férias paralisam transplantes no HBDF

O drama das 270 pessoas que aguardam na fila por um transplante de rins no Hospital de Base se agravou. Desde dezembro, nenhuma operação desse tipo foi realizada por falta de médicos. Segundo a diretoria do hospital, que confirmou a interrupção dos transplantes, esse período corresponde

à época de férias dos médicos e à checagem anual que é feita no centro cirúrgico. Para o reinício dos trabalhos, previsto para fevereiro, é necessário ainda a compra de microseringas e de placas para exames de sangue.

O hospital de Base faz, em média, oito transplantes de rins por mês. Segundo a Unidade responsável pelas cirurgias, quatro são doados pelas famílias de pacientes que falecem e os outros são doados em vida. Durante os dois meses em que os trabalhos ficam interrompidos, calcula-se que cerca de oito pessoas continuam na fila quando poderiam receber um novo órgão. Isso porque os



Lairson Rabelo

rins teriam quer ser transplantados imediatamente após a morte dos doadores.

Enquanto o hospital paralisa as atividades de transplante, os doentes que aguardam na fila têm que seguir o tratamento de hemodiálise. A hemodiálise é um processo de filtração do sangue que é feita para com-

pensar o mau funcionamento dos rins. Para ter o organismo funcionando normalmente, os pacientes são obrigados a ir três vezes por semana ao hospital para filtrar o sangue. Cada sessão demora em média quatro horas.

O diretor do Hospital de Base, Lairson Rabelo, afirma que os transplantes são interrompidos nesta época do ano em vários hospitais. No caso de Brasília, ele explica que o hospital só tem um médico no laboratório de histocompatibilidade. Sem a presença do médico, que está de férias, o laboratório, que checka em qual paciente o rim doado pode ser transplantado, não funciona. Laír-

son Rabelo disse também que, em função disso, o hospital nem faz captação de rins neste período.

Fila — Algumas pessoas aguardam na fila de transplantes por até dez anos. Segundo o diretor do Hospital de Base, alguns casos são demorados exatamente porque não são doados rins com o perfil imunológico igual aos dos futuros receptores. Lairson Rabelo concorda que o mês em que as operações são suspensas pode ser a época em que um doador poderia tirar da fila alguém que já espera há muito tempo. Mesmo se tratando de uma hipótese, a única alternativa aos doentes renais é a esperança do transplante. Essa esperança está sendo, frustrada quando o hospital deixa de captar órgãos.

Lairson Rabelo considera que esperar mais tempo na fila de transplantes não é um problema grave. Segundo ele, "quem está esperando não precisa fazer a operação agora porque está fazendo hemodiálise". Na opinião do médico, "quem sofre de insuficiência renal crônica e faz hemodiálise há uns cinco ou seis anos não vai morrer se esperar um pouco mais por um rim".